

TEXTOS SINGULARES, LEITORES PLURAIS – CAMINHOS DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Aelissandra Silva¹, Iracilda Bonifácio¹, Amilton Queiroz²

1. Mestre e Docente no Colégio de Aplicação/UFAC.

2. Mestre e Docente no Colégio de Aplicação/UFAC.

3. Doutor e Docente no Colégio de Aplicação/UFAC

É comum escutarmos frases como: o aluno não gosta de ler; “Os jovens não querem saber de leitura, só de internet”; “passei a leitura e a maioria da turma não leu”. Essas e outras frases são corriqueiras em nosso cotidiano, principalmente no âmbito escolar. Diante disso, o que cabe a escola? Como alterar essa situação?

Tais indagações servem de ponto de partida para confirmar que a temática da leitura muito tem sido discutida, principalmente porque a compreensão que se tem hoje, por meio das pesquisas, livros e artigos publicados, bem como por meio de documentos oficiais como os PCNs (1998) é de que essa é uma tarefa da escola e não apenas do professor de Língua Portuguesa. Nessa ótica, a escola precisa ter a concepção norteadora de que a leitura precisa ser trabalhada para além do reconhecimento/identificação das palavras, isto é, em sua compreensão, englobando as diversas áreas do saber, explorando os fatores intra e extralinguísticos.

É sabido que temos, hoje, um público leitor com um perfil diferente do que tínhamos há algumas décadas. Diante disso, é imprescindível atentar para o fato de que atualmente o mercado de livros mais vendidos são aqueles que se destinam ao público adolescente e jovem. Logo, temos a constatação de que eles estão lendo. Podem não ler os textos considerados canônicos – clássicos - mas têm como porta de entrada textos que estão inseridos em seu cotidiano como os *best-sellers*: *A revolução dos*

bichos (George Orwell), *Jogos vorazes* (Suzanne Collins), *A culpa é das estrelas* (John Green), *A menina que roubava livros* (Markus Zusak), dentre outros que estão na lista dos mais vendidos.

Em *Por que ler os clássicos*, Italo Calvino instiga os leitores a reelaborem distintos caminhos de interpretação para o termo clássico, conotando a força das representações literárias. O texto considerado clássico carrega consigo a vitalidade da mudança, levando o leitor a assumir várias posturas, de tal forma que surgem diferentes meios para (re)definir os horizontes do leitor do texto literário. É nesse grau de abertura do texto que a leitura literária contribui, portanto, para que o clássico seja expandido a partir das experiências heterogêneas do leitor contemporâneo.

Essa é uma geração de leitores que são bastante influenciados pela mídia, já que a maioria desses livros são adaptados para a narrativa fílmica. Uma geração que está conectada com a internet, tendo acesso ao facebook, instagram, blog, twitter, dentre outros, solicitando, por conseguinte, o desenvolvimento de estratégias de leituras alicerçadas nos diálogos entre as várias linguagens do contemporâneo.

Nessa perspectiva, é indispensável que a escola possa ter conhecimento do perfil do público leitor que recebe para trabalhar com as propostas de leitura. Ao reconhecer e ampliar os meios de leitura, a escola atua como lugar de problematização das redes

de sentido do texto, bem como permite estreitar os laços de familiaridade com o discurso literário, científico e pragmático. Posicionados nessa trama de solidariedades textuais, o aluno-leitor percebe-se inserido no universo das textualidades, aprendendo a desvendar os caminhos da leitura, análise e interpretação dos contextos de uso da língua portuguesa. Destarte, aluno, professor e escola conjugam, juntos, os sentidos da prática cultural e intersubjetiva na/além da sala de aula. Os movimentos de leitura, sob essa ótica, ampliam-se consideravelmente, contribuindo para o fortalecimento dos pactos de leituras cada vez mais plurais.

A partir desse ponto de vista interativo, o diálogo com o repertório cultural dos alunos, por meio da Estética da Recepção se apresenta como um caminho viável para se abordar temas universais propostos pela literatura. Como centro da experiência estética, proporcionada pela literatura, o leitor se torna um coprodutor de sentidos, reescrevendo a partir de seu horizonte de expectativas a obra já escrita pelo autor. (Re)construção desse perfil de leitor, como aponta Roger Chartier, expande as possibilidades de interação entre os discursos, além de instaurar uma comunidade de leitores. Esses guiados pela experiência e desafio reler a si mesmo e ao outro através das práticas culturais diluídas no texto literário,

De acordo com Jauss, em “A história da literatura como provocação à teoria da literatura” (1994), os leitores de uma mesma época, recebem de maneira diferente uma mesma obra, pois possuem histórias de vida e percursos de leitura diversos. Ao mesmo tempo, leitores em épocas distintas constroem

diferentes leituras motivadas por aspectos que dizem respeito especialmente aos fatores sociais. Nesse sentido, Jauss defende que “a obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto” (JAUSS, 1994, p. 25).

Partindo, pois, da ideia de que os estudantes da Educação Básica no século XXI fazem parte de uma geração conectada, composta por nativos digitais, a escola precisa levar em consideração os novos letramentos e a necessidade de dialogar com o texto literário em uma perspectiva multimodal, a partir de suas relações hipertextuais, multimidiáticas e hipermediáticas.

Consideramos, assim, que a formação de leitores literários no atual contexto educacional não deve se resumir à leitura do texto verbal escrito; é preciso colocá-lo em confronto com outras modalidades de linguagem, interagindo com vídeos, músicas, jogos eletrônicos, softwares educacionais, entre tantas outras possibilidades de diálogos. A partir dessa interação, os alunos poderão construir suas próprias experiências literárias mediados por várias modalidades textuais.

Acreditamos que a proposta de mediação de leitura por meio da conexão entre o texto literário e diferentes modalidades textuais sinaliza para uma possibilidade viável de formação de leitores literários nas escolas. Nesse sentido, o encontro da diversidade cultural e linguística com a influência das novas tecnologias comunicativas possibilita maior interação do aluno com o texto literário, fazendo com que a escola e suas práticas sejam de fato condizentes com a realidade educacional contemporânea.